

Journal da USP
28/10 a 31/11/02
p. 14

As universidades paulistas de olho no futuro

Novos cursos e campi, ampliação das vagas, cursos de formação para professores e projetos de difusão dos conhecimentos gerados por pesquisas para a população: essas são algumas das políticas adotadas pelas universidades públicas paulistas para responder aos atuais desafios da sociedade

Na sociedade atual, o aumento da concorrência tem levado a uma enorme valorização da educação, compreendida pela maioria das pessoas como a melhor forma de se manter constantemente atualizado e, portanto, preparado para enfrentar os novos desafios. Nesse sentido, o governo atual se dedicou à expansão e fortalecimento do ensino fundamental, com o objetivo de garantir o acesso da maioria da população, visando ao fim do analfabetismo. Mas, segundo muitos especialistas da área, o novo governo terá, nos próximos anos, como desafio, garantir a ampliação do número de vagas no ensino médio e no superior, instâncias nas quais são formados os técnicos e a massa crítica necessária para um maior desenvolvimento do País.

Para acompanhar essa tendência, as três universidades públicas paulistas, USP, Unesp e Unicamp, têm desenvolvido uma série de iniciativas que visam a aumentar o alcance e a qualidade do ensino, incluindo nessa conta a ampliação do seu número de vagas. Atualmente, a USP tem 69 mil alunos, a Unesp, 32 mil e a Unicamp, 26 mil, números elevados e que tendem a crescer nos próximos anos, dada a crescente demanda, principalmente nas regiões mais carentes e isoladas do Estado.

A Reitoria da USP implantou um projeto acadêmico que pretende privilegiar três eixos principais: o surgimento de novos cursos, a expansão multidisciplinar na área de tecnologia através da criação do Instituto de Desenvolvimento e Inovação Tecnológica e a realização de projetos especiais com a comunidade.

Na prática, desde 1998 a Universidade vem expandindo intensamente suas vagas. Até 2001 foram criadas 514 vagas em seis novos cursos e em outros preexistentes. Somente nesse ano foram criados 11 cursos nos campi do interior e de São Paulo, que geraram mais 435 vagas. Para 2003, estima-se que surgirão mais 415 vagas oriundas de 12 novos cursos, além de outros espaços nos que já existem.

Somente para se ter uma idéia, foram criados cursos como Oceanografia, Relações Internacionais, Engenharia Ambiental, Química Ambiental, Engenharia Aeronáutica e Computação Científica, Gestão Ambiental, Informática Biomédica, Música, Engenharia da Computação, Ciências da Informação e da Documentação e Matemática Aplicada e Computação Científica. "A Universidade percebeu a demanda da sociedade por cursos inovadores e, sobretudo a partir do ano passado, se dedicou a suprir essas necessidades", diz Sonia Penin, pró-reitora de Graduação da USP.

Segundo a pró-reitora, o esforço da USP vai em duas direções: por um lado, o projeto de expansão propriamente dito e, por outro, a solicitação de mais recursos ao governo. "Estamos buscando ampliar ao máximo nossas possibilidades de ação", afirma.

Para Nélcio Bizzo, vice-diretor da Faculdade de Educação (FE), o aumento de vagas contribui para uma questão crucial: a inclusão das camadas menos favorecidas. "A USP já oferece excelência em setores de ponta. O próximo passo é dedicar esforços para beneficiar as comunidades carentes", explica.

Na Unicamp a expansão também foi enorme: desde 1995, 1.100 novas vagas foram criadas, sendo 495 só no último ano, segundo a Reitoria dessa instituição. Essa expansão tam-

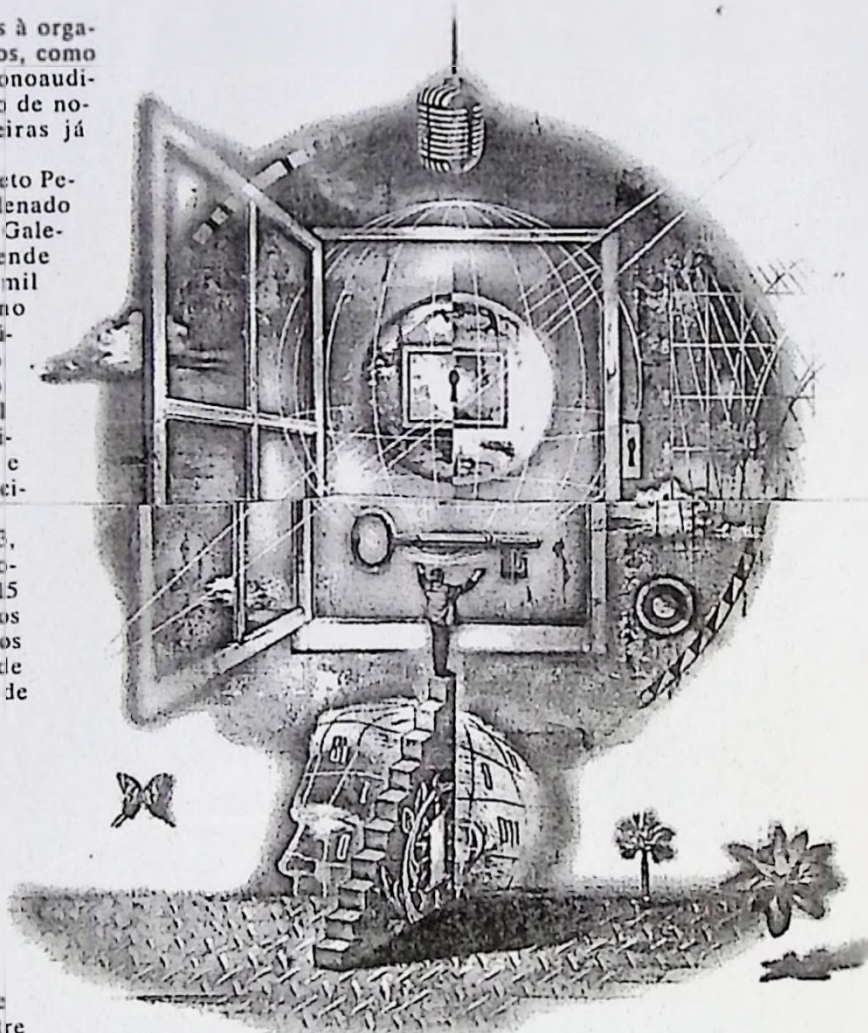
bém foi possível graças à organização de novos cursos, como o de Enfermagem e Fonoaudiologia, além da criação de novas turmas nas carreiras já existentes.

A Unesp criou o Projeto Pedagogia Cidadã, coordenado pelo professor Wilson Galego Garcia, que pretende atender mais de 40 mil professores do ensino fundamental da rede pública do Estado de São Paulo que ainda não têm diploma de nível superior, conforme exige a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

No vestibular de 2003, a Unesp pretende disponibilizar 930 vagas em 15 novos cursos. Oito novos campi já foram aprovados e serão distribuídos de acordo com a demanda de cada região.

Mais espaço para o ensino

Além dos cursos novos, a USP recebeu uma área de 73 hectares, onde já está sendo construído o segundo campus da cidade de São Carlos, que deve ser finalizado entre



Políticas comunitárias

A crescente discussão em torno do tema como a exclusão digital, a criação de centros de divulgação científica e tecnológica e a expansão das atividades de pesquisa, ensino e extensão sinaliza que o próximo desafio do setor educacional será a efetiva implantação de políticas comunitárias diretas. O Projeto Clicar, um programa de atividades educativas para crianças e adolescentes que vivem em situação de risco social e pessoal (na rua), é um exemplo desse tipo de iniciativa. Criado em 1995 pela Estação Ciência, Centro de Difusão Científica, Tecnológica e Cultural da USP, em parceria com a Ong Centro de Estudos e Pesquisa da Criança e do Adolescente (Cepaca), o projeto tem relação direta com a política de expansão da Universidade.

"Os centros de educação informal e as escolas fazem parte do mesmo universo. Isso significa que ambos precisam, paralelamente, ser ampliados", diz Ernst Wolfgang Hamburger, diretor da Estação. Para ele, uma rede de 30 a 50 centros de ciência no Estado de São Paulo significaria um grande avanço cultural e social, criando um forte canal educativo direto com a sociedade, contribuindo para a melhoria das condições de vida da população. "Para que isso se efetive, é preciso estruturar um plano nacional de popularização da ciência no âmbito municipal, estadual e federal", defende. "Recentemente, encaminhamos para a análise da Secretaria da Ciência e Tecnologia um projeto de criação de uma rede de

centros de ciência no Estado." O projeto Biblioteca do Trabalhador, desenvolvido pelo professor Edmir Perrotti, do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA), vai no mesmo sentido. Em parceria com a Prefeitura de São Paulo, o projeto atende trabalhadores da construção civil, colocando à disposição dos operários livros, revistas, jornais, vídeos e CDs no próprio canteiro de obras. De acordo com Perrotti, o modo como os serviços culturais são concebidos atualmente não prevê a inclusão dessas pessoas. "Sem esse tipo de atividade, em um prazo de dez anos essas pessoas começarão a sofrer um processo sem volta, com poucas alternativas de transformação." Em outra vertente, o Centro de

os anos de 2003 e 2004. Com o objetivo de atender à enorme demanda da zona leste, região da cidade de São Paulo onde não existe nenhum curso de nível superior público e gratuito, a Universidade pretende, em breve, inaugurar um outro campus, voltado, inicialmente, para cursos das diferentes áreas das Humanidades, que oferecerão, de imediato, algo em torno de mil vagas. A zona leste, formada por cerca de 4 milhões de habitantes, terá um campus com características especiais, visando à abertura de novas áreas de trabalho. São Miguel Paulista, São Mateus e a área de divisa com Guarulhos são os locais que estão sendo cogitados.

Outra ação, ainda em estudo, é a incorporação da Faculdade de Engenharia Química de Lorena (Faequil). A idéia é criar uma sinergia nas pesquisas das áreas de química, física e ciências dos materiais aumentando, inclusive, o número de vagas.

A USP também tem priorizado cursos de licenciatura, responsáveis pela formação de professores, além do Programa PEC de Formação Universitária, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação, voltado para o fornecimento de educação superior para 1.710 docentes da rede estadual, cujo término ocorrerá em dezembro.

Ainda em colaboração com a Secretaria, a Universidade mantém um programa específico de formação para professores indígenas e planeja atender mais 2.400 professores por meio da implantação de um projeto de aprimoramento nas áreas de língua portuguesa, matemática e ciências.

Em parceria com a Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo, a Universidade montará em Cubatão um Centro de Tecnologia Ambiental que realizará cursos de pós-graduação lato sensu e de extensão universitária, além da promoção de pesquisas ambientais. A mesma parceria está sendo responsável pela implantação do Parque de Ciência e Tecnologia (Cientec), na antiga sede do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP (IAG), que fica no Parque Estadual das Fontes do Ipiranga (Pefi), propiciando a difusão da ciência e tecnologia para a população.

Estudos da Metrópole (CEM), um dos Cepids (Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão) criados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, a Fapesp, desenvolve pesquisas visando a criar subsídios para políticas públicas nas áreas de organização espacial, meio ambiente, estrutura social e cultura, com base em um conjunto de projetos desenvolvidos pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cobrap) e pelo Laboratório de Urbanismo da Metrópole (Lume), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP. Além disso, o CEM também realiza cursos de capacitação de professores do ensino médio, em parceria com o Serviço Social do Comércio (Sesc), e organiza programas de difusão dos conhecimentos gerados para a comunidade.